

CATEGORIA – PRÁTICA PROFISSIONAL

COMO TRABALHAMOS JUNTOS?

Trabalho colaborativo entre professores do Departamento de Educação Física e Desporto Escolar da Escola Portuguesa de Moçambique

Nuno Antunes, Margarida Abrantes, Anabela Ferreira, Paulo Ferreira, João Figueiredo, João Lourenço, Maria Machado, Custódio Malenda, Raquel Moreira, André Revés, Antero Ribeiro, Sérgio Zibane

Escola Portuguesa de Moçambique – Centro de Ensino da Língua Portuguesa

Os autores do artigo declaram que não existem conflitos de interesses.

Resumo

Pela primeira vez, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), inclui uma vertente de resolução de problemas em cooperação, no Programme for International Student Assessment (PISA). Esta foi a confirmação de uma crença que anualmente tem acompanhado a nossa prática profissional. Acreditamos numa mudança de paradigma na organização das aprendizagens. Uma transição que ajude os nossos alunos a adquirir um conjunto de competências que lhes permita enfrentar situações de desafio e não desistir, cooperando para o sucesso pessoal e do grupo. No entanto, a criação deste ambiente de aprendizagem demora tempo, requer muita persistência e muitos compromissos coletivos na sua organização, ou seja, muito trabalho colaborativo entre professores.

Para garantir que os alunos tenham o ambiente de aprendizagem e o paradigma de avaliação de que falamos, foi necessário dar muitos passos em conjunto. Implementámos um processo de Supervisão Partilhada. A iniciativa deste processo é sempre de quem é visitado, isto é, de quem está a dar a aula. Esta lógica pressupõe que exista sempre uma “encomenda” feita por quem vai dar a aula observada, sendo esses os aspetos que devem ser o foco da observação. Realizámos ações de formação interna, ou seja, a especialidade de cada colega torna-se acessível a outro através de momentos de prática e discussão. Implementámos provas práticas de demonstração das competências adquiridas em que os alunos são avaliados por um júri de três professores a lecionarem outros ciclos de ensino, e que permitem, em situação concreta, a aferição dos critérios de avaliação. Outro instrumento de aferição de critérios são reuniões em que os professores de cada ano e ciclo estabelecem prioridades e estratégias transversais a todas as turmas, as Conferências Curriculares.

Todos estes passos foram dados progressivamente e colaborativamente. Sozinhos não teríamos feito muito. São passos que vamos dando, ou seja, não são processos perfeitos e carecem de revisão e reflexão constante. No entanto, acreditamos que são passos importantes para um ensino e uma escola mais colaborativa.

Palavras-chave: Educação; Educação Física; trabalho colaborativo; supervisão; desenvolvimento profissional; avaliação

Abstract

For the first time, OECD included, in PISA, a module of collaborative problem solving. This confirmed an intrinsic believe that our educational system need to go through a paradigm shift. This change should help our students to acquire a set of tools which allow them to face challenges without giving up, collaborating for their individual and collective success. However, to promote this learning atmosphere takes time, persistence and it requires compromises among their promoters, i.e., the teachers.

Thus, to guarantee this paradigm shift it was necessary to share many of our steps and to take them together. We implemented a process of shared supervision, in which we help each other, by observing our colleagues' classes and focusing on a request designed by the one visited. We organized professional development courses, prepared and led by ourselves, i.e., each teacher's specialty became accessible to the group. We implemented practical exam days to promote the discussion of criteria and uniform our assessment processes, which were also debated in meetings specified by grade or level.

These steps were taken slowly and through time. Working alone would not have taken us far. By working together we need to revisit our goals constantly, and the discussion meetings are complex and laborious. However, we genuinely believe that these are important steps for a more collaborative school.

Keywords: Education; Physical Education; Collaborative Work; Professional Development; Assessment

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) mostrou a preocupação de avaliar a capacidade de resolver problemas em cooperação, através da inclusão de tarefas específicas no *Programme for International Student Assessment* (PISA). Este passo dado pela OCDE confirmou a nossa crença na necessidade de uma mudança de paradigma. A organização das aprendizagens deve contribuir para que os nossos alunos adquiram um conjunto de competências que lhes permita enfrentar situações de desafio e não desistir, cooperando para o sucesso pessoal e do grupo. Uma transição para tal ambiente de aprendizagem demora tempo, requer persistência e exige muitos compromissos coletivos na sua organização, ou seja, muito trabalho colaborativo entre professores.

Começemos pela missão da OCDE: criar equipas que partilhem experiências e procurem soluções para problemas comuns. Assim, a organização autocaracteriza-se como aglutinadora de esforços e promotora do trabalho colaborativo. Dentro dela existe uma Diretoria de Educação e Competências que, na mesma lógica colaborativa, encoraja os países a comparar os seus sistemas educativos, melhorando-os com a ajuda dos exemplos positivos e da sua variabilidade contextual. Todos são diferentes e cada um tem os seus pontos fortes e fracos, tal como as culturas ou as pessoas. Aprendemos mais e melhor com a diferença, assumindo o forte e o fraco, do outro e de mim. Aquele gabinete tem uma forte preocupação com a aplicabilidade das aprendizagens na vida dos futuros cidadãos mundiais. Empurram o seu paradigma de Educação para o desenvolvimento de competências aplicáveis no mundo do trabalho. A sua maior ferramenta de aferição chama-se PISA.

A avaliação do desempenho académico dos alunos de 15 anos de todo o Mundo poderá parecer uma pretensão megalómana, mas desde 1997 que o PISA assim o faz. Este programa é uma bateria de testes que avalia os alunos a cada três anos nas áreas da matemática, leitura e ciência. Os últimos testes ocorreram em 2015 e, como os resultados demoram pouco mais de um ano a ser analisados, só no final de 2016 saberemos qual a progressão dos estudantes nas metas essenciais de aprendizagem e a tabela classificativa dos mais de 70 países.

Mas o que é isto de avaliar “o desempenho académico dos alunos”? Será que a escolha centrada naqueles três domínios é suficiente? Será que os métodos e instrumentos escolhidos são os melhores para aferir o desempenho académico? Em última análise, o que se pretende verdadeiramente saber? Se a nossa missão é, tal como a da OCDE, preparar os estudantes para uma vida ativa e plena e não apenas centrada na lógica mercantilista, faltará, então, avaliar um conjunto de competências. É necessário focarmo-nos nos pilares decisivos para se alcançar o sucesso na vida, nesse quadro de valores e competências sócio-emocionais (cooperação, solidariedade, resiliência, superação, trabalho em equipa, divisão de tarefas e liderança). Como pode a OCDE ambicionar criar parcerias e promover o trabalho em equipa com os governos mundiais se nem sequer considera as competências cooperativas e de liderança dos futuros chefes de estado? Como podemos nós, Escola, ambicionar preparar cidadãos do Mundo, plenos e ativos, se nos limitamos a “dar matéria”?

Pela primeira vez, em 2015, o PISA incluiu uma prova de Resolução de Problemas em Cooperação. Porquê? Da forma como a generalidade dos currículos se encontram organizados, um

estudante que tenha sucesso nas disciplinas curriculares pode não ser eficaz na resolução de problemas em equipa. Só porque existe interação social, não quer dizer que haja objetivos comuns, aceitação de diferentes pontos de vista e organização do trabalho em função dos objetivos. No ano passado, os rapazes e raparigas de 15 anos, para além de serem testados em competências de leitura, ciência e matemática, foram igualmente desafiados a desenvolver vários tipos de projetos. Nesse contexto, foram avaliados nas suas competências de comunicação, gestão de conflito, liderança, gestão de progressos e procura de consensos. Vamos, então, esperar até ao final do corrente ano para perceber como os ministros, professores, médicos e administradores de 2040, vão tomar decisões. Sozinhos ou em equipa?

Então, se o trabalho em equipa e a resolução de problemas estão cada vez mais prementes nos fóruns de discussão da comunidade educativa mundial, porque será que estes conceitos ainda são considerados alternativos? Não deveriam ser nucleares? Não deveriam os sistemas educativos e os seus currículos, as metodologias de ensino e a organização da aprendizagem dos alunos acompanhar esta mudança de paradigma? E não deveríamos ser nós, professores, os principais agentes dessa mudança?

No Departamento de Educação Física e Desporto Escolar da Escola Portuguesa de Moçambique acreditamos e atuamos para esta mudança de paradigma. Acreditamos genuinamente que as situações de aprendizagem em sala de aula têm de, por um lado, responder às necessidades de todos os alunos sem exceção e, por outro, passar pela identificação e resolução de um determinado problema, associado a um ou mais contextos. Significa isto que temos de dar um significado àquilo que os alunos aprendem. Temos de pensar a longo prazo e contribuir para que os nossos alunos adquiram e consolidem um conjunto de competências que lhes permita enfrentar situações de desafio e não desistir, tomar iniciativa, assumir atitudes de liderança e trabalhar para objetivos, cooperando ativamente para o sucesso pessoal e do grupo. Esta tem sido uma das nossas maiores preocupações na organização das aprendizagens dos nossos alunos.

Vivenciar situações (1) de superação como a passagem de um plinto com a ajuda de um colega, (2) de cooperação como fazer equipa de andebol com alguém que não faz parte do meu círculo social, (3) de liderança como assumir a decisão de efetuar determinada acção técnico-táctica num jogo de basquetebol, (4) de equipa como passar a bola ou “ir à dobra” ao meu colega, (5) de resiliência e colaboração como jogar badminton com um colega pior ou melhor que eu, (6) de solidariedade como abraçar um colega de outra cultura só porque marcámos um golo numa grande jogada. Todas elas fazem parte do nosso trabalho diário com os nossos alunos. No entanto, a criação de um ambiente de aprendizagem que propicie a aquisição destas competências demora tempo, requer muita persistência e principalmente, muitos compromissos coletivos na sua organização, ou seja, muito trabalho colaborativo entre nós. Significa isto que também nós temos de ser portadores destas mesmas competências sociais. “Practice what you preach”.

O nosso Departamento acredita que tem vindo ao longo dos anos a aprender e a crescer através destes compromissos, dessa partilha profissional. Através do nosso trabalho colaborativo

e da nossa auto e hetero formação profissional. Para garantir que os alunos tenham o ambiente de aprendizagem e o paradigma de avaliação de que falámos anteriormente, foi necessário dar muitos passos em conjunto, colaborativamente.

Foi necessária Formação Recíproca. Tem sido uma prática do nosso departamento o desenvolvimento curricular baseado na escola, isto é, as decisões que tomamos resultam de informações qualificadas e contextualizadas. Temos por hábito tomar decisões a partir de resultados de aprendizagem dos nossos alunos. E é com base nestes resultados que temos definido as nossas prioridades de formação, a construção do nosso Plano de Formação, bem como as ações de Formação Recíproca que realizamos. As formações são internas, ou seja, a especialidade de cada colega torna-se acessível a outro através de momentos de prática e discussão.

Foi necessário implementar um processo de Supervisão Partilhada. Trata-se de um processo de supervisão da intervenção pedagógica de cada um de nós, numa lógica de desenvolvimento profissional, realizado entre dois, três ou mais colegas. Significa que vamos observar as aulas uns dos outros. O ponto de partida, a iniciativa deste processo é sempre de quem é visitado, isto é de quem está a dar a aula. O parceiro é utilizado apenas para produzir a informação que quem está a dar a aula precisa. Esta lógica pressupõe que exista sempre uma “encomenda” feita por quem vai dar a aula observada. É esse aspeto ou esses aspetos que devem ser o foco da observação.

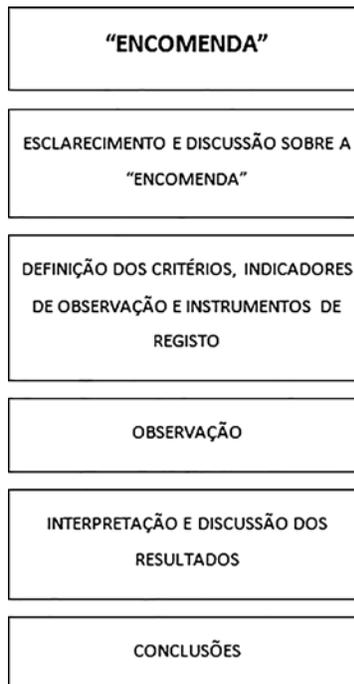


Figura 1. Fluxograma do processo de Supervisão Partilhada, na lógica de “Encomenda”.

Foi necessário aprofundar o nosso Plano Plurianual. É um documento orientador do trabalho dos professores, do pré-escolar ao 12.º ano, que contempla opções estratégicas de trabalho prioritário. São definidas prioridades por ano e por ciclo, em relação ao que se quer atingir no final do processo. Apesar de ser um documento constantemente revisto e refletido pelos professores de EF, define uma linha orientadora vertical de trabalho.

Foi necessário criar um Protocolo de Avaliação e implementar Conferências Curriculares. O protocolo começa por ser aplicado na Avaliação Inicial. Para o Departamento, esta etapa tem duas dimensões; por um lado permite identificar as competências que os alunos dominam e por outro lado prever o que os alunos irão ser capazes de alcançar com a ajuda do professor e das aulas. Todas estas informações são recolhidas através de situações provas previamente definidas e comuns a todos os professores dos mesmos ciclos de ensino. Os critérios de avaliação estão definidos em documentos do departamento e foram aferidos entre os professores. O tratamento desta informação é realizado por cada professor e é partilhada em 4 conferências curriculares – 1.º Ciclo, 2.º Ciclo, 3.º Ciclo e Secundário, em 3 momentos ao longo do ano: final da avaliação inicial, meio do ano e final do ano. É nestas reuniões que os professores de cada ano e ciclo estabelecem prioridades e estratégias transversais a todas as turmas.

1.º Ciclo

Nº	Nome	Suficiente:						Bom* e Muito Bom**:			Alternativas:				Auto Aval	1º	2º	3º
		JOGOS C/ BOLA OU PERÍCIAS E MANIP						GIN	JOGOS	OUTRAS	GIN	OUTRAS						
		Percurso c/ Bolas e Cordas										BFund	Pat	Nat				
Drible	Cond Bola c/ Pé	Pass e Recep	Salt Corda	Rabia	GSol													



2.º Ciclo

ÁREAS DA EF:		ACTIVIDADES FÍSICAS										APTIDÃO FÍSICA					CONHEC	CLASSIFICAÇÃO								
Nº	NOME	JDC					GINÁSTICA					Atl	Bad	Pat	Nat	Danç	Vai Vem	Abs	Ext Braç	Flex. M.I.	M.S.	CONHEC IMENTO S	Auto Aval	1º	2º	3º
		Fut	BFund	Basq	Vol	And	GSol	GAP	GAcro	E	QI															
1	Amira	QI	I	I	I	E	QI				I	QI	NI	I	I	S	S	S	S	S	S	S	4	4	4	4

1.º Ciclo

ÁREAS DA EF:		ACTIVIDADES FÍSICAS										APTIDÃO FÍSICA					CONHEC	CLASSIFICAÇÃO								
Nº	NOME	JDC					GINÁSTICA					Atl	Bad	Pat	Nat	Danç	Vai Vem	Abs	Ext Braç	Flex. M.I.	M.S.	CONHEC IMENTO S	Auto Aval	1º	2º	3º
		Fut	BFund	Basq	Vol	And	GSol	GAP	GAcro	E <th>QI </th>	QI															
1	Amira	NI		QI	I	QI	QE	I	E	I	I	I	I	I	I	S	S	S				S	4	4	4	4

1.º Ciclo

ÁREAS DA EF:		ACTIVIDADES FÍSICAS										APTIDÃO FÍSICA					CONHEC	CLASSIFICAÇÃO								
Nº	NOME	JDC					GINÁSTICA					Atl	Bad	Pat	Nat	Danç	Vai Vem	Abs	Ext Braç	Flex. M.I.	M.S.	CONHEC IMENTO S	Auto Aval	1º	2º	3º
		Fut	BFund	Basq	Vol	And	GSol	GAP	GAcro	E <th>QI </th>	QI															
2	Amira	E			QE		E	I	I		I			E	I	S	S	S	S	S	S	S	14	17	17	

Figura 2. Registos avaliativos desde o 1.º ciclo até ao Secundário.

Foi necessário implementar Provas Globais. Trata-se de provas práticas de demonstração das competências adquiridas em que os alunos são avaliados por um júri de três professores, de preferência a lecionarem em outros ciclos de ensino, e que permitem em situação concreta a aferição de critérios de avaliação. Saliente-se que todos os professores do departamento estão envolvidos nos júris das provas.

Foi necessário Diferenciar o Ensino. Na EF, tal como em qualquer outra disciplina, os alunos apresentam níveis de competência e ritmos de aprendizagem diferentes, logo devem ter estímulos diferentes. Para garantir que cada aluno aprende efetivamente e trabalha para os seus objetivos, este encontra-se envolvido em grupos de trabalho heterogêneos e homogêneos, dentro e fora da sua turma. Significa isto que partilhámos alunos consoante as suas necessidades, sempre ao encontro do seu interesse e sucesso. Daí que as opções estratégicas da elaboração dos horários de EF sejam hoje baseadas neste princípio pedagógico, ou seja, turmas dos mesmos anos/ciclos à mesma hora e em espaços contíguos.

SEMANAS:	Segunda-Feira				Terça-Feira				Quarta-Feira				Quinta-Feira				Sexta-Feira				
	E1	E2	E3	E4	E1	E2	E3	E4	E1	E2	E3	E4	E1	E2	E3	E4	E1	E2	E3	E4	
EF	07h00 / 7h45	29E	29B	69F	69A	49E	49D			99C	99E		99D	59D	59C	29B	29E	99E	99C	49D	49E
	07h45 / 8h30	29F	29D	69F	69A	49F	49B	Pré-C		99C	99E	Pré-E	99D	59D	59C	29D	29F	99D	Pré-H	49B	49F
EF	8h30 / 8h40	Intervalo				Intervalo				Intervalo				Intervalo							
	08h40 / 9h25	29C	29A	59C	59F	49A	49C	69E	69B	Pré-D		99B	99A	59F	59E	29A	29C	69B	69E	49C	49A
EF	09h25 / 10h10	19A	19C	59E	59D	39A	39E	69E	69B			99B	99A	59F	59E	19C	19A	69C	69D	39E	39A
	10h10 / 10h30	Intervalo				Intervalo				Intervalo				Intervalo							
EF	10h30 / 11h15	19B	19D	59A	59B	39B	39F	69D	69C	89C	89F	Ap 3 ^{CEB}	Pré-F	59B	59A	19D	19B	89A	89E	39F	39B
	11h15 / 12h00	Pré-A	19E	59A	59B	39C	39D	69D	69C	89C	89F	Ap 3 ^{CEB}	Pré-G	69A	69F	19E	Pré-B	99A	99B	39D	39C
DE	12h00 / 12h15	Intervalo				Intervalo				Intervalo				Intervalo							
	12h15 / 13h00		Fut S14F	Fut S14M		REUNIÃO								Ap 2 ^{CEB}	Fut S14F	Fut S14M	Ap 2 ^{CEB}				
DE	13h00 / 13h45			JPD 3/4 ano		DE				JPD 1/2 ano	Fut S12M					JPD 3/4 ano	JPD 1/2 ano	Fut S12M			
	13h45 / 14h30	Intervalo				Intervalo				Intervalo				Intervalo							
EF	14h30/14h40	Intervalo				Intervalo				Intervalo				Intervalo							
	14h40 / 15h25	129A2	129B	79E	79A	129A1	129C	79F	79C	79A	79E	129B	129A2	79C	79F	119C	119B	89D	89B	129C	129A1
EF	15h25 / 16h10	129A2	129B	79E	79A	129A1	129C	89B	89D			129B	129A2	79C	79F	119C	119B	89D	89B	129C	129A1
	16h10 / 16h30	Intervalo				Intervalo				Intervalo				Intervalo							
EF	16h30 / 17h15	119B	119C	89E	89A	119A1	119A2	109A2	109C	79B	79D	109B	109A1	109C	109A2	119A2	119A1	109A1	109B	79D	79B
	17h15 / 18h00	119B	119C	89E	89A	119A1	119A2	109A2	109C	79B	79D	109B	109A1	109C	109A2	119A2	119A1	109A1	109B	89F	89C
DE	18h00 / 18h45	Fut S16M	Fut S16M	Fut S16F	Nat I	Vol S14	Vol S16	Basq S16	Basq S16	Fut S16M	Fut S16M	Fut S16F	Nat I	Vol S14	Vol S16	Basq S16	Basq S16	Nat II			
	18h45 / 19h30	Fut S16M	Fut S16M	Fut S16F	Nat I	Vol S14	Vol S16	Basq S16	Basq S16	Fut S16M	Fut S16M	Fut S16F	Nat II	Vol S14	Vol S16	Basq S16	Basq S16	Nat II			

Figura 3. Horários de Educação Física e Desporto Escolar.

Naturalmente estes foram passos dados ao longo dos anos e sempre em conjunto. Sozinhos não teríamos feito muito. São também passos que vamos dando, ou seja, não são processos perfeitos e carecem de revisão e reflexão constante. No entanto, acreditamos que são passos importantes para um ensino e uma escola mais colaborativa.

Como qualquer mudança de paradigma, o período de transição demora tempo e tem tendência a encontrar resistência. Assim, prevemos dois grandes desafios na promoção de um sistema educativo mais colaborativo; o primeiro, a máxima de “practice what you preach”, isto é, como será possível promover e avaliar a resolução de problemas em cooperação, se nós, professores/escola, temos dificuldades diárias em resolver problemas através de trabalho colaborativo. O segundo grande desafio está assente no conceito de “social loafing”, o fenómeno em que um indivíduo, numa equipa, esforça-se menos para atingir um objetivo do que se estivesse a trabalhar sozinho. Que soluções poderão existir para superar estes desafios?

No Departamento de Educação Física e Desporto Escolar da Escola Portuguesa de Moçambique tentamos diariamente refletir sobre estes dois desafios. As estratégias que falamos neste



artigo são passos de aproximação a um ideal de colaboração. No entanto, aprendemos diariamente com os erros, discutimos, exaltamo-nos, ouvimos e falamos, somos liderados e lideramos. Sabemos que, para além de todas as metodologias usadas, o tempo de antena dado a cada pessoa é essencial para que cada pequeno passo seja dado. Concluimos então que este artigo partilha a reflexão sobre o que é o nosso trabalho colaborativo, mas fica limitado pela especificidade do nosso contexto e dos profissionais envolvidos. Assim, julgamos ser necessário envolver mais profissionais, mais escolas e mais partilha de reflexões.